

## PEDAGOGIA BRINCANTE ENTRE O FREVO E A CAPOEIRA: DANÇANDO MUNDOS POSSÍVEIS

Victoria Reis Venâncio<sup>1</sup>

**Resumo:** Brincando, inventando e reescrevendo corporalmente outros modos e mundos de ser e estar dentro do ambiente educativo e na vida, esta pesquisa visa investigar o frevo enquanto linguagem corporal e cultural e a brincadeira como ferramenta pedagógica na formação em dança. Desenvolvida no contexto do Estágio Supervisionado Obrigatório II, realizado em 2023, no curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná, a pesquisa teve como campo de estudo o projeto social de capoeira Claridade Noturna. A partir desse espaço de aprendizado coletivo, a fusão entre a dança frevo e a capoeira foi base para as práticas artístico-pedagógicas. O estudo transita entre diferentes dimensões –sociais, educacionais e culturais– conectando o universo brincante do carnaval, a resistência histórica dos povos afro-indígenas-brasileiros e as relações afetivas e comunitárias estabelecidas na arte e na educação. Propondo a brincadeira como metodologia emancipatória, capaz de ressignificar a aprendizagem da dança e ampliar as possibilidades de criação e expressão de corpos e mentes.

**Palavras-chave:** Brincadeira; Carnaval; Dança; Educação; Frevo.

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Dança da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2704-6004> Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5816905643225767> E-mail: [victoriarven@gmail.com](mailto:victoriarven@gmail.com)

## **PLAYFUL PEDAGOGY BETWEEN FREVO AND CAPOEIRA: DANCING POSSIBLE WORLDS**

**Abstract:** By playing, inventing, and bodily rewriting other ways and worlds of being and existing within the educational environment and in life, this research aims to investigate the frevo as a body and cultural language, and playing as a pedagogical tool in dance training. Developed in the context of the Mandatory Supervised Internship II, carried out in 2023 in the Bachelor's Degree in Dance at Parana State University, the research field of study was the capoeira social project Claridade Noturna. From this space of collective learning, the fusion between frevo dance and capoeira was the basis for artistic-pedagogical practices. The study moves between different dimensions – social, educational and cultural – connecting the playful universe of carnival, the historical resistance of afro-indigenous-Brazilian people, and the affective and community relationships established in art and education. The study proposes playing as an emancipatory methodology, capable of redefining dance learning and expanding the possibilities of creation and expression of bodies and minds.

**Keywords:** Carnival; Dance; Education; Frevo; Play.

## **Mapeando o Território**

O presente trabalho surge a partir da experiência vivida no Estágio Supervisionado II, realizado em 2023, no curso de Licenciatura em Dança da Faculdade de Artes do Paraná (UNESPAR). O estágio aconteceu dentro do projeto Claridade Noturna, uma proposta social que promove aulas gratuitas de capoeira em espaços da prefeitura para esporte e lazer, nas Regionais do Bairro Alto e do Cajuru, ampliando e democratizando o acesso à prática dessa manifestação cultural afro-indígena-brasileira, para diferentes comunidades e contextos da cidade de Curitiba.

O projeto está vinculado à Escola Abadá-Capoeira (Associação Brasileira de Apoio e Desenvolvimento da Arte-Capoeira), fundada por José Tadeu Carneiro Cardoso, chamado de Mestre Camisa, uma figura emblemática da capoeira mundial atual. Nascido no interior da Bahia, estabeleceu suas raízes no Rio de Janeiro muito jovem e, ao longo das décadas, consolidou e criou uma metodologia de ensino que articula a capoeira como prática de resistência, desenvolvimento físico e a formação cidadã, atuando na formação de atletas, professores e profissionais da capoeira desde 1988 até os dias de hoje, inspirado e influenciado pelos ensinamentos do seu Mestre Bimba.

Manoel dos Reis Machado (1900-1974), conhecido como Mestre Bimba, também nascido na Bahia, foi responsável pela criação de uma nova vertente de capoeira, chamada de capoeira regional, essencialmente brasileira e praticada até hoje. Tornou-se lendário por esse feito, já que “esse acontecimento marca um período histórico, sendo lembrado pelos pesquisadores como um rito de passagem, que distingue definitivamente uma nova era para a capoeira” (Campos, 2009, p. 119). Consolidando e sistematizando ainda mais a arte da capoeira no país, contribuindo para a valorização e respeito não só da luta, mas também da população afro-indígena-brasileira, criadora dessa arte banhada de resistência, marginalizada no país.

Na cidade de Curitiba, as aulas do projeto são conduzidas pela professora Maria Natalina Carvalho, chamada de Professora Idalina na capoeira. É carioca, capoeirista há trinta anos e licenciada em História. Primeiramente chega na

cidade trabalhando como doméstica e residindo nas ruas. Com o passar do tempo, ao conhecer a capoeira, tem sua vida transformada pela força e solidariedade da comunidade dessa arte. Carregando luta e resistência em sua trajetória, eterniza nos alunos de seu projeto Claridade Noturna, que já conta vinte anos, por meio da combinação técnica, rigor e disciplina da capoeira, um olhar sensível, social e pedagógico voltado para a formação crítica, cultural, subjetiva e o fortalecimento da identidade dos alunos.

A estrutura das aulas do projeto envolve um conjunto de práticas que vão além do desenvolvimento físico e motor, são incorporados, também, elementos de musicalidade, diálogo e reflexão. Geralmente o treino inicia com um aquecimento, seguido de exercícios de fortalecimento de membros inferiores e prática dos movimentos específicos da capoeira. Em seguida, os alunos jogam em duplas, participam de rodas de jogo e exploram canto e a percussão, que são fundamentais para a construção da identidade rítmica e cultural da capoeira. Ao final de algumas aulas, acontecia um momento de leitura e discussão dos ensinamentos descritos em um livro do Mestre Camisa, fundador da escola, promovendo um espaço de troca e aprendizado coletivo.

Entendendo que a cultura popular brasileira é criada e constituída a partir da forte influência e raízes profundas afro-indígenas no país, é de extrema importância a difusão e reafirmação dessa memória, reconhecendo as contribuições culturais para a construção identitária de um país miscigenado (Pontes, 2021), mesmo com tantas tentativas violentas de embranquecimento. A propagação desses saberes é indispensável e por isso, a capoeira enquanto manifestação da cultura popular brasileira e uma arte marginalizada, tendo em vista a discriminação racial atrelada à sua origem, é muito comum vermos em grupos de capoeira, além da prática da luta em si, práticas de danças oriundas de manifestações populares, como por exemplo no Claridade Noturna, que aconteciam aulas de jongo, maculelê, coco e samba de roda.

Foi a partir desse contexto que minha atuação no projeto se deu por meio da introdução da dança frevo como conteúdo para desenvolver a expressão corporal dos capoeiristas, além da ligação e relação histórico-cultural dessas duas manifestações. Essa proposta dialoga diretamente com a própria metodologia da Escola Abadá, que possui um toque específico no berimbau,

chamado Capo-passo, criado pelo Mestre Camisa. O toque tem influência e ligação direta do frevo, é acompanhado e desenvolvido com uma fusão de movimentos das duas manifestações, tanto do frevo como da capoeira.

### **Encruzilhadas: Capoeira mãe do frevo**

A partir do conceito de encruzilhada desenvolvido pela autora Leda Maria Martins (2021), a qual nos aponta que nas culturas africanas, esse termo é usado para definir “o lugar sagrado das intermediações entre sistemas e instâncias de conhecimento diversos [...] aponta para o movimento circular do cosmos e do espírito humano que gravitam na circunferência de suas linhas de interseção” (p. 34). Um espaço-tempo que se encontra no entre, de possibilidades, reviravoltas, fricções confrontadas e entrecruzadas, em constante movimento, fluxo e circularidade. Histórias, memórias, conflitos e ideias reinventadas e reinterpretadas. A autora ainda pontua que a cultura negra é composta de encruzilhadas por si só, devida a constante necessidade de avanços e recuos, retrações e expansões, além da influência do pensamento filosófico e discursivo de religiões de matrizes africanas, onde a encruzilhada é muito presente em suas intersecções e narrações.

A escolha pelo frevo como conteúdo dentro do contexto da capoeira não é aleatória, tendo em vista que, as manifestações possuem raízes afro-indígena-brasileiras, se encontraram em uma encruzilhada e carregam a história de luta, resistência e celebração (Lima, 2022), marcadas pela vitalidade da corporeidade pulsante e desafiadora, entrelaçadas pelo contexto histórico e ebulição política de seu surgimento, frutos da miscigenação africana, indígena e brasileira, ansiando a liberdade.

Dançar e ensinar frevo dentro de um projeto social de capoeira é, portanto, expandir os diálogos entre as diferentes corporeidades, histórias e modos de existir e resistir às opressões, violências e brutalidades desse mundo, levando em conta o surgimento do frevo, exemplificado em:

Neste “fervedouro”, quem “frevava” eram exatamente estes “marginais”, “vadios”, “capoeiras”, corpos negros hábeis na arte da capoeiragem que usavam grandes guarda-chuvas, não apenas para proteger do sol, mas também como verdadeiras armas. Tratava-se de corpos que lutavam e dançavam ao som ritmado das bandas militares. (Bonfim, 2019, p. 28)

O frevo e a capoeira carregam na raiz de seu chão a luta e reivindicação de um espaço e uma vida negados, seja a rua, a própria cidade, um país ou apenas ter o direito de viver no dia a dia, entrelaçados na encruzilhada política e estrutural de uma sociedade. Passistas e capoeiras, “trabalhadores braçais, jornaleiros, biscateiros, empregados domésticos e os capoeiras, vadios, desordeiros, prostitutas e moleques de rua” (Araújo, 1997, p. 210), em uma época em que a prática da capoeira foi criminalizada no Brasil, se encontram obrigados a disfarçar a luta que faziam, originando no frevo, um refúgio para sua arte. Aceleravam os passos, brincavam e dançavam com seus adversários, com molejo, reformularam os golpes para que se assemelham à dança e assim, surge um dos mais cativantes ritmos de nosso país, fruto do racismo estrutural, força, garra e resistência de um povo marginalizado (Vicente, 2011).

A dança surge dos gestos realizados pelos lutadores de capoeira que vinham à frente dessas bandas para protegê-las e dar-lhes passagem, não sendo estabelecido de forma muito linear o momento que finalizava a luta e se iniciava a dança. (Gehres, 2014, p. 2)

Nessa perspectiva, como destaca o passista de frevo e escritor Jefferson Figueirêdo (2020, p.159):

[...] faz todo sentido pensar o frevo como uma encruzilhada, atravessado pelos encontros, pelas nossas memórias, pela sua própria história. A encruzilhada é um lugar de possibilidades e dançar frevo é se abrir à porosidade de corpos possíveis.

A metáfora da encruzilhada nos ajuda a refletir o frevo e a capoeira não apenas como uma técnica ou conjunto de passos, mas também como espaço de encontros, reivindicações, de trocas e invenções.

## Iniciando Carnavais

Sendo assim, por meio da dança frevo, busquei atender as necessidades apontadas pela Professora Idalina, Maria Natalina Carvalho, no início do estágio, que enfatizava a importância de desenvolver o condicionamento físico, resistência, expressão corporal, mobilidade de tronco e de membros superiores e inferiores dos alunos. O frevo, com seus rápidos deslocamentos, trocas de níveis, saltos, intensa ativação articular e muscular (Vicente, 2011), é um potente aliado nesse processo. Para isso, foram implementadas práticas voltadas para o fortalecimento das articulações, a resistência muscular e a ampliação das possibilidades expressivas dos praticantes.

A construção das aulas também foi baseada nos ensinamentos de Fernando do Nascimento Filho (1936-2009), o aclamado Mestre Nascimento do Passo, um dos maiores pesquisadores e sistematizadores do frevo, responsável por catalogar e nomear grande parte dos passos que conhecemos hoje (Figueirêdo, 2020). Sua metodologia foi compartilhada com diversos alunos e alunas ao longo dos anos, incluindo Inaê Silva e Jefferson Figueirêdo, professores com os quais tive a oportunidade de aprender e que influenciaram minha abordagem pedagógica e corporal dentro do estágio.

Assim, o presente trabalho busca refletir as potências da experimentação pedagógica, investigando de que maneira o frevo e a capoeira, entrelaçados na história, na cultura, na prática e na pesquisa, podem ampliar e desenvolver não apenas a fisicalidade dos alunos, mas também seus repertórios expressivos, criativos e identitários, trazendo à tona e resgatando a memória da resistência de nossos antepassados, de modo que

[...] ensinar/aprender o frevo/passo significa negociar identidades, tradições, culturas que vão para além da reprodução das usuais sequências de passos, numa dança tradicional urbana que traveste de alegria as lutas, os conflitos e as desigualdades cotidianas. (Gehres; Brasileiro, 2014, p.1)

## Vivendo o Frevo

O objetivo central deste estágio foi criar vivências com o frevo que estimulam um corpo brincante, explorando suas múltiplas possibilidades expressivas e desenvolvendo uma maior consciência corporal dos participantes. Para isso, foi adotado como estratégia metodológica uma abordagem inspirada na pedagogia carnavalesca e brincante (Alves, 2017), que se assemelha com os próprios contextos da capoeira, do frevo e do carnaval, marcados pela festa, resiliência, provocação, mandinga – uma espécie de magia – e a munganga – caretas e estados expressivos e corporais de brincadeira. A pesquisa foi sustentada por referenciais que dialogam com essa proposta, como a Teoria Carnavalesca de Bakhtin (2013) e a ideia de brincadeira como forma de conhecimento, do capoeirista e pedagogo Luiz Rufino (2023).

Tendo como primeiro ponto de partida o artigo da autora Kallyne Alves *Resistindo ao mundo triste: a brincadeira e a carnavalização como atos revolucionários* (2017), surge o desejo de fazer a associação do ensino do frevo com metodologias brincantes, como meio de ir contra as urgências e demandas de um mundo de sistematização e padronização, a brincadeira é o espaço-tempo de uma vida não utilitária, como nos ilustra Rufino (2023), é uma transmissão comunitária de saberes, onde podemos rir livres, errar, cair e levantar, compartilhar e conhecer. Já a concepção pedagógica do carnaval proposta pelo teórico Bakhtin (2013) nos permite enxergar o riso, a inversão das normas e a subversão como formas de liberdade e ressignificação do mundo.

No carnaval, tudo pode ser reinventado, re-habitado e vivido de outras maneiras, uma suspensão no tempo-espaço para a liberdade de expressão e ideológica, nos soltando das amarras que nos aprisionam no dia a dia, território para invenção e criação. Mesmo que, durante o ano todo, o estado de corpo da maioria dos foliões que vivem essa festa de rua sejam de

[...] corpos dos trabalhadores explorados continuem circulando em sua presença subalternizada e desprotegida, a fim de correrem atrás de suas sobrevivências [...] a experiência no carnaval permite recolher os signos de transmutação que estão em jogo na brincadeira séria de ocupar as horas da cidade,



deixando-se contagiar pela presença do outro. (Cecchetti; Ferreira, 2022, p. 73)

Essa potência de ressignificação, criação e ocupação de espaços negados, foi incorporada à prática pedagógica do frevo dentro do contexto do projeto. Essa perspectiva é sintetizada na reflexão de Alves (2017, p.118), que destaca:

Revolução por meio da brincadeira, como um ato de reconhecer, na arena da vida, o riso como um lugar de (re)invenção, de interação, de brincar, de liberdade, para (exis)resistir à pressão das urgências do tempo, da pressão social, da sociedade do consumo, que nos aprisiona, inquieta e inflama.

Desse modo, ao longo das aulas do estágio, criamos um espaço aberto ao erro, ao riso, ao debate e à curiosidade, onde os participantes podiam se libertar das tensões do corpo e da pressa da vida cotidiana. O frevo foi trabalhado não apenas como técnica, mas como uma vivência lúdica, um território de experimentação no qual cada corpo pudesse descobrir suas próprias formas de dançar, brincar e se expressar (Vicente, 2011). Retomando Rufino (2023), para reforçar a ideia da brincadeira como um modo de conhecimento, como espaço onde os corpos experimentam, erram, reconstroem e aprendem de forma livre, emancipatória e revolucionária.

### **Brincadeiras e dinâmicas: o corpo aprende brincando**

Minha professora orientadora do estágio foi a Ms. Ludmila Aguiar, a qual me guiou na construção dos planos de aula e de trabalho, tornando o processo de trabalho mais fluido, fazendo trocas de referências e ideias para o desenvolvimento das propostas didáticas. Ao longo das aulas, foram compartilhados diversos passos do frevo, cada um carregando consigo não apenas um desafio técnico, mas também uma história e um significado cultural. Entre eles, destacam-se: Chutando de frente, Cruzeta, Ponta de pé, Ponta de pé e calcanhar, Tesoura, Parafuso, Passo do saci, Ponta em cima, Ponta embaixo,

Faz que vai mas não vai, Plantando mandioca, Gaveta, Ginga do frevo, Leque e Martelo (Vicente, 2011).

A ludicidade e as brincadeiras estiveram presentes em quase todas as atividades propostas, promovendo não só o aprendizado dos passos, mas também o envolvimento afetivo e relacional entre os participantes. Utilizamos diversas brincadeiras, jogos e dinâmicas, inspiradas na fisicalidade tanto do frevo quanto da capoeira, para potencializar o aprendizado e torná-lo mais intuitivo e prazeroso.

Segundo estudos de psicologia da arte, realizados pelo autor Vigotski (1999), o aprendizado se torna mais significativo quando é vinculado com alguma experiência emocional, por exemplo uma brincadeira. Por isso, elas são incorporadas neste percurso metodológico como estratégia para facilitar a assimilação e compreensão dos conteúdos compartilhados.

Desse modo, uma das dinâmicas realizadas foi uma variação do “pega-pega”, incorporando elementos do frevo e da capoeira. Ou seja, durante o jogo, os participantes podiam se “salvar” assumindo diferentes formas corporais, como a árvore, uma pose de frevo estática, a ponte, um movimento de capoeira que envolve arquear o corpo e a pedra, uma postura defensiva e de recolhimento, ou seja uma esquiva.

Outra atividade proposta foi a brincadeira do *boneco de cera*, na qual os alunos, em duplas, moldavam seus colegas em poses utilizando os passos de frevo aprendidos. Esse exercício estimula a criatividade, a consciência espacial, a interação e cuidado entre os corpos, ao mesmo tempo em que ressignifica o aprendizado técnico através de uma dinâmica lúdica.

Para fomentar a consciência corporal e liberdade de expressão, também os incentiva a experimentarem de forma livre os passos, ligando um movimento ao outro, misturando com a capoeira, produzindo os passos em deslocamento, podendo testar as dinâmicas em duplas ou em grupos. Além de propor a criação de pequenas células coreográficas entre eles, para maior memorização do conhecimento, os perguntava os nomes dos passos, como os executar... Criando uma dinâmica de troca de conhecimento mútua no espaço educativo.

Além disso, o ensino dos passos não se restringiu a uma mera repetição de movimentos, levando em conta a “necessidade de adaptação que me move com

relação ao frevo, de repensar, rever e transformar modos e entendimentos que dialoguem com o contexto do hoje [...]” (Figueirêdo, 2020, p. 121). A tentativa foi de criar um espaço de troca, onde os participantes não apenas aprendiam, mas também compartilhavam suas percepções e experiências. Ou seja, o processo não era unilateral ou vertical, mas sim, horizontal de modo que os alunos traziam suas próprias referências, conectando o frevo a outras práticas corporais com as quais já tinham familiaridade. Isso ficou evidente, por exemplo, quando algumas alunas *b-girls*, ou seja, dançarinas de uma vertente do *hip-hop* chamada *breaking*, mencionaram ter incorporado passos do frevo em batalhas de *hip-hop*, demonstrando a hibridez e a capacidade de diálogo entre diferentes linguagens corporais e culturais.

Outro aspecto importante desse percurso foi a relação entre o aprendizado do frevo e a consciência corporal. Durante as atividades, incentivamos a nomeação de ossos e músculos, promovendo uma compreensão mais aprofundada do corpo e de suas articulações. Esse conhecimento técnico, aliado à ludicidade das práticas, contribuiu para um maior domínio dos movimentos e para uma ampliação das capacidades expressivas dos participantes.

## **Um mundo possível**

Ao longo dessa trajetória, vivenciamos algo que ia além da simples transmissão de uma técnica: criamos um mundo possível, um espaço, território e ambiente no qual corpos em jogo e brincantes puderam experimentar novos estados físicos e emocionais. O frevo, uma expressão cultural do Nordeste do país, mais especificamente do estado de Pernambuco, encontrou-se com a capoeira, um patrimônio de resistência afro-indígena-brasileira, dentro de um projeto social no Sul do país, de uma professora carioca. Essa fusão de referências e culturas não apenas ampliou o repertório corporal dos participantes, mas também possibilitou um encontro simbólico entre diferentes manifestações da cultura popular.

O afeto e o respeito mútuo foram elementos centrais dessa experiência. Em sala de aula, os alunos passaram a enxergar o frevo não como algo distante de sua realidade, mas como uma prática viva, acessível e repleta de significados, mesmo que com certa resistência por parte de alguns dos integrantes. Ao mesmo tempo, os debates e reflexões que emergiram ao longo do processo contribuíram para uma maior consciência sobre as relações de gênero e as estruturas históricas que permeiam tanto o frevo quanto a capoeira.

Porém, um fato que não podemos esquecer é que vivemos em uma sociedade estruturalmente misógina, machista e opressora, o que reflete em todas as culturas e práticas que delas provém, como é o caso do frevo e da capoeira. Historicamente e tradicionalmente machistas e, por muito tempo, essas práticas foram apenas destinadas para homens, sendo um espaço negado para mulheres e corpos que fugiam dessa norma padrão de ser “macho”. Uma fala que nos ilustra essa realidade brutal, é da passista de frevo Rebeca Cordeiro (2018, p. 51):

[...] o machismo, o racismo invisibilizou, silenciou e destróçou nossas subjetividades, nossa memória, em uma tentativa de tirar nossa humanidade, nosso corpo em movimento era força de trabalho da cabeça aos pés.

Por fim, essa experiência pedagógica mostrou-se não apenas um espaço de aprendizado, mas também um território de invenção, transformação e ocupação, no qual o corpo brincante pôde se expressar livremente, experimentando novos caminhos para o movimento e para a existência.

### **O carnaval não pode parar: reflexões que emergiram**

O ciclo de estágio se encerra, mas a folia não acaba. A experiência vivida em sala de aula deixa rastros de movimento, desejo e transformação. O frevo e a capoeira, entrelaçados no corpo, na brincadeira e na história, não apenas ampliaram a mobilidade articular dos alunos, mas também abriram espaço para novas formas de se relacionar, pensar, sentir e agir. É encantador testemunhar os alunos experimentando os passos de frevo com espontaneidade,

incorporando-os às rodas de capoeira, criando vínculos e, sobretudo, movimentando não apenas seus corpos, mas também suas ideias e visões de mundo perante a arte, a vida, a educação e a cultura.

De modo que, apesar das violências, demandas e urgências da vida cotidiana, buscar uma chama de esperança e felicidade nas aulas, brincadeiras e relações afetivas, como modo de resistir às opressões do mundo, indo contra a norma que nos quer calados e deprimidos, resgatando sempre a memória de um povo invisibilizado e marginalizado, trazendo à tona as raízes e origens de todo um país, por meio do jogo de corpo e festejos.

[...] incluir a alegria como tônus de enfrentamento da brutalidade institucionalizada, defender a múltipla temporalidade em curso numa mesma época, carnavalizar o tempo, instituir um regime de afetos doces e resistentes em relação à vertigem do autoritarismo. (Cecchetti; Ferreira, 2022, p. 71)

As sementes plantadas durante esse percurso começaram a germinar de maneiras inesperadas. Alguns alunos demonstraram interesse em continuar as aulas nos próximos anos, sinalizando o impacto que a experiência teve em suas trajetórias. Além disso, outras alunas, atravessadas pelo frevo, ressignificaram seus movimentos ao integrá-los em batalhas de *hip-hop*, revelando como as fronteiras entre as danças urbanas e populares podem ser borradas pela criatividade e pela integração cultural viva. Além disso, a Professora Idalina, Maria Natalina Carvalho, compartilhou seu desejo de expandir ainda mais esse processo, sonhando em organizar apresentações de frevo com os alunos e alunas no próximo ano, o que reforçou o potencial de continuidade, aprofundamento e eficácia dessa proposta pedagógica.

Ao longo desse percurso, vivi experiências afetuosas e transformadoras que carregarei para a vida. No entanto, também me deparei com desafios e tensões que evidenciam estruturas sociais profundas. Em diversos momentos, ficou evidente o machismo estrutural presente na capoeira e no frevo, manifestações historicamente dominadas e reservadas aos homens. Essas situações desconfortáveis ressaltam a importância de discutir identidade e papéis de gênero dentro das práticas corporais tradicionais e populares,

ampliando o olhar para a inclusão e para o questionamento de padrões enraizados (Cordeiro, 2018).

Por fim, reafirmo a brincadeira como um dispositivo potente de emancipação (Rufino, 2023). Ela não apenas facilita o aprendizado técnico, mas permite o acesso a estados físicos, emocionais e subjetivos dos corpos, abrindo caminhos para outras formas de existir e se expressar, além de ampliar a associação ao conhecimento adquirido (Vigotski, 1999). Mais do que uma metodologia de ensino, a pedagogia brincante se mostrou um campo fértil para a construção de mundos possíveis, onde a autonomia, a confiança e a maleabilidade do corpo e das ideias são fortalecidas. Que o carnaval continue pulsando, não apenas como uma festa, mas como um convite permanente à invenção, à liberdade e à reinvenção de si.

Dessa forma, o trabalho reafirma o papel da ludicidade, do mundo brincante e do movimento como estratégias transformadoras na educação, evidenciando o potencial do frevo não apenas como manifestação cultural, mas como caminho para o desenvolvimento da autonomia, da coletividade e da experimentação artística. Toda essa experiência vivida no Estágio Supervisionado Obrigatório II, serviu de base e estofo para a escrita do meu Trabalho de Conclusão de Curso, sem ela, o meu TCC não seria o mesmo e consequentemente, minha trajetória artístico-profissional, sem esse carnaval de resistência, brincado juntamente com o jogo de corpo e saberes ancestrais dos capoeiristas.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Kallyne Kafuri. Resistindo ao mundo triste: a brincadeira e a carnavalização como atos revolucionários. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 23, n. 2, p. 111-121, jul./dez. 2017.

ARAÚJO, Rita de Cássia Barbosa de. Carnaval do Recife: a alegria guerreira. **Estudos Avançados**, v. 11, n. 29, p. 203-216, 1997. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/SD76PvpDqyxPtgC7NZQB7qd/> Acesso em: 8 mar. 2025.

BAKHTIN, M. M. **Problemas da Poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

BONFIM, Larissa. Escolarização do frevo: implicações estéticas e políticas. **Idealogando**, v. 3, n. 1, p. 26-36, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/idealogando/article/view/240198>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CAMPOS, Hellio. **Capoeira Regional: a escola de Mestre Bimba**. Salvador: EDUFBA, 2009.

CECCHETTI, Juliana; FERREIRA, Marcelo Santana. Outras doces barbáries: a força dos carnavais na disputa do presente. **Mnemosine**, v. 18, n. 2, p. 69-83, 2022. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/mnemosine/article/view/71183/43893>. Acesso em: 8 mar. 2025.

CORDEIRO, Rebeca Maria Gondim. **Na malandragem do feminino: uma investigação sobre as marcas de gênero, sexualidade e raça presentes na minha corporeidade de passista de frevo**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Dança. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2018.

FIGUEIRÊDO, Jefferson Elias de. **"Faz que vai, mas não vai": frevo e história da dança, caminhos possíveis, idas e vindas**. 2020. Dissertação (Pós-Graduação em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

GEHRES, Adriana de Faria; BRASILEIRO, Livia Tenorio. FREVO/PASSO – uma alegria urbana e tensa: como ensinar? **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 17, n. 4, p. 1-9, out./dez. 2014. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/30306>. Acesso em: 15 mar. 2024.

LIMA, Carlos. Tudo que é sólido se desmancha no ar: narrativas e histórias como motores de vida no Paço do Frevo. **Revista Eletrônica Ventilando Acervos**, Florianópolis, v. especial, n. 1, p. 290-307, jul. 2022. Disponível em: <https://ventilandoacervos.museus.gov.br/v-especial-n-1-jul-2022> Acesso em: 20 de agosto de 2024.

MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. São Paulo: Cobogó, 2021.

PONTES, Priscilla Silva. **Rachando o petit-pavé: danças afro-orientadas e territórios da diáspora negra em Curitiba**. 2021. Dissertação (Mestrado em Dança) - Escola de Dança, Universidade Federal da Bahia, Curitiba, 2021.

RUFINO, Luiz. **Ponta-cabeça: educação, jogo de corpo e outras mandingas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial. 2023.

VICENTE, Ana V. Frevo: uma arte urbana, a dança e suas formas de ensino. *In*: VICENTE, Ana V.; SOUZA, Giorrdani G. Q. **Trançados musculares**: saúde corporal e ensino do frevo. Recife: Associação Reviva, 2011. DVD.

VIGOTSKI, L. S. **Psicologia da arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Recebido: 08/03/2025

Aceito: 23/04/2025